



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Munhoz Albano, Neide

A variação denominativa nos textos especializados da aromaterapia: o caso da unidade terminológica
Alecrim

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 32, núm. 2, 2010, pp. 255-261
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426644008>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A variação denominativa nos textos especializados da aromaterapia: o caso da unidade terminológica Alecrim

Neide Munhoz Albano

*Universidade Estadual de Londrina, Rod. Celso Garcia Cid, PR 445, km 380, 86051-990, Londrina, Paraná, Brasil.
E-mail: neidemalbano@yahoo.com.br*

RESUMO. Este artigo objectiva discutir a variação da planta Alecrim, no âmbito da denominação científica e popular, na ótica do prescritivismo das teorias da variação linguística. A análise concentra-se nas variantes terminológicas em consonância com seu uso.

Palavras-chave: terminologia, denominação, variante.

ABSTRACT. **Rosemary variation within Aromatherapy texts.** This article aims to discuss variation with respect to the scientific and common denominations of the Rosemary plant, based on the approach of prescription of the theories of linguistic variation. The analysis focuses on the terminological variants in consonance with their use by experts in the field.

Key words: terminology, denomination, variant.

“Alecrim,
Alecrim dourado,
Que nasceu no campo
Sem ser semeado [...]”
(canção popular)

Preliminares

A discussão ora encetada aqui remete ao trabalho de doutorado em que se compilaram os termos da Aromaterapia, no intuito de construir um glossário terminológico destinado a semileigos, pesquisadores, estudantes e aromaterapeutas. Os semileigos são usuários que possuem ‘algum’ conhecimento acerca de óleos essenciais. Já ouviram no Rádio ou TV, leram em livros ou jornais sobre seus benefícios, mas não possuem um conhecimento mais profundo das reais indicações em nível patológico.

Os termos no domínio dos ‘óleos essenciais’, apresentam, como as plantas de onde provêm, diversas denominações, exigindo do aromaterapeuta/semineigo, conhecimentos dessas formas variantes para dar prosseguimento ao seu trabalho. Trata-se de uma situação delicada, uma vez que o engano ao identificar a planta pelo seu nome comum e o seu respectivo produto, o óleo essencial correspondente, poderá não trazer o alívio almejado para uma gama extensa de doenças como: síndrome do pânico, depressão, alergia, problemas respiratórios, gripes, dengue etc. No caso do aromaterapeuta que indica óleos para benefícios físicos e mentais, há que se redobrar os cuidados. A

identificação equivocada de um óleo pode agravar o distúrbio físico que se pretende tratar.

Introdução

A necessidade de se descrever a linguagem especializada da Aromaterapia já foi manifestada anteriormente durante o século XX pelo químico francês Renée Maurice de Gatefossé (TISSEURAND; JÜNEMANN, 1999) que, accidentalmente, descobriu as propriedades terapêuticas dos óleos essenciais. Conforme relata a pesquisadora e aromaterapeuta Maxwell-Hudson (2000), em 1928, durante pesquisas, Gatefossé queimou seu braço enquanto trabalhava em seu laboratório e, instintivamente, mergulhou-o em uma solução que estava disponível em um recipiente. O líquido era óleo essencial de Lavanda e Gatefossé conseguiu não somente que a dor fosse aliviada, mas também percebeu que a queimadura cicatrizou rapidamente, impedindo uma possível infecção. Daí para frente dedicou sua vida à pesquisa sobre os óleos essenciais e sua aplicação terapêutica numa nova ciência a qual decidiu denominar de Aromaterapia. Muitos seguiram seus passos com a finalidade de alargar e consolidar suas descobertas iniciais, tornando-as disponíveis para todos nós e atualizando uma antiga arte de cura.

A criação de um produto terminológico, no formato de um glossário referente à área especializada da Aromaterapia, apresenta-se como atividade de valor social, pelo fato de contribuir para solucionar problemas de informação e comunicação. No dizer de Krieger e Finatto (2004, p. 131): [...] “o produto deve atender às necessidades de um público-alvo, e de preferência deve preencher uma lacuna de informação”.

Tal prática é, reconhecidamente, a aplicação mais evidente e reconhecida da Terminologia. Não é, todavia, a única. Além do valor ímpar do fazer dicionarístico técnico-científico, há, ao mesmo tempo, a possibilidade de reflexão teórica da disciplina sobre todo o material obtido, pesquisado e formatado em glossário.

Dessa forma, para o terminólogo, o conjunto de termos próprios de um dado domínio (uma terminologia) constitui objeto de análise e de produção (científica), matéria-prima para elaboração de obras terminográficas. Para os usuários, sejam eles especialistas ou não do domínio ao qual pertence o conjunto terminológico estudado, esse conjunto de termos é elemento precioso para a comunicação em âmbito profissional ou em situações particulares. É a partir do conhecimento desse rol de termos compilados e esmiuçados que os textos técnicos e científicos passam a ter sentido e a ficar mais compreensíveis.

Atualmente, com o advento das terapias holísticas, a Aromaterapia já conquistou seu lugar como ciência preocupada com o bem-estar do homem como um todo: corpo, mente e espírito. Assim, é no domínio da linguagem de especialidade da Aromaterapia e da comunicação de especialidade que se insere esta pesquisa.

A variação em terminologia

Para a linguista Faustich (2006), os termos podem ser:

a) signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas;

b) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas;

c) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas.

Conforme a autora, pela funcionalidade do termo dentro de uma linguagem de especialidade, este assumirá função específica de determinado valor, de acordo com o contexto de uso. “Assim sendo, o termo é uma entidade variante porque pode assumir formas diferentes em contextos afins” (FAUSTICH, 2006, p. 29).

Como produto de variação, as variantes terminológicas formam classes de acordo com sua natureza linguística. “A sistematização dessas variantes é tarefa da socioterminologia, cujo estatuto fica assegurado pela análise da diversidade de termos que ocorrem nos planos vertical, horizontal e temporal da língua” (FAUSTICH, 2006, p. 29).

A autora valoriza a socioterminologia como abordagem nova e satisfatória para análise do termo na comunicação científica e técnica. No entanto, adverte que a socioterminologia, “não é, de fato, uma disciplina derivada da sociolingüística, porém não se pode negar que é a visão mais flexível da sociedade e da comunidade que conduz os especialistas em terminologia a esse novo percurso” (FAUSTICH, 1995, p. 7). Prosseguindo em sua análise a autora acrescenta:

Como ramo da terminologia, a socioterminologia é um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação lingüística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade (FAUSTICH, 2006, p. 30).

Para a autora, o movimento do termo nas linguagens de especialidade é explicado e abrigado pela socioterminologia.

Para esclarecer melhor a percepção de como a variação terminológica atua na língua, a autora propõe a Figura 1 (FAUSTICH, 1998, p. 3):

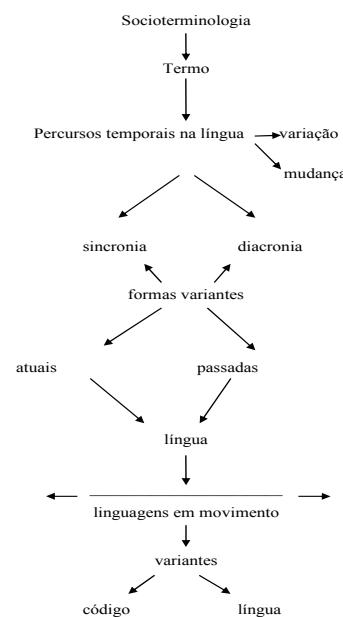


Figura 1. Variação terminológica na língua.

Fonte: Faustich (1998, p. 3).

Partindo-se do que foi exposto acima, conclui-se sobre a necessidade da observação direta dos usos

dos termos, nos lugares onde estes se processam, durante o processo de sistematização das variantes terminológicas.

A Aromaterapia

Um pouco de história...

A Aromaterapia é terapia verdadeiramente holística que considera a mente, o corpo e o espírito do indivíduo em busca de ajuda, bem como seu estilo de vida, seu padrão alimentar e seus relacionamentos, conforme destaca Woorwood (1995).

Embora o termo Aromaterapia tenha sido empregado pela primeira vez no século XX, mais precisamente em 1938, quando Renée de Gatefossé publica sua obra intitulada *Aromatherapie*, para descrever o uso de óleos essenciais extraídos de plantas como forma de tratamento, os princípios em que se baseia remontam a tempos muito antigos. Suas raízes estão fincadas nas mais ancestrais práticas curativas da humanidade, uma vez que as plantas, das quais hoje extraímos os óleos essenciais, foram empregadas por milhares de anos antes que a técnica da destilação de óleos fosse descoberta (WOORWOOD, 1995).

O significado do termo Aromaterapia descreve basicamente a arte e a ciência do uso de óleos essenciais de plantas em tratamentos. Arte, pois a sinergia de óleos depende da intuição, do conhecimento e da sensibilidade do Aromaterapeuta. A combinação de aromas, levando-se em conta suas notas altas, intermediárias e baixas, revela os princípios básicos de harmonização presentes também nas cores e na música. Os perfumistas classificam os óleos essenciais de acordo com a sua volatilidade, ou seja, a velocidade com que eles se evaporam quando expostos ao ar. Assim, podem ter ‘notas olfativas’ alta, média e baixa. Esse sistema de classificação é de grande interesse para os aromaterapeutas por causa do vínculo existente entre a taxa de evaporação e o efeito que os óleos têm sobre a mente e o corpo. Por exemplo, os óleos essenciais altamente voláteis (os de notas altas), normalmente, estimulam a mente, ao passo que os óleos essenciais de baixa volatilidade (notas baixas), em geral, tendem a ser calmantes. Os de volatilidade média (notas médias), com uma taxa de volatilidade intermediária, concentram os seus efeitos平衡adores nos sistemas físicos do corpo.

Portanto, a combinação de aromas é muito mais que a soma das partes: cada óleo possui uma composição química particular que, quando em contato com outros óleos, tem suas características intensificadas, tornando o processo de cura mais intenso e rápido.

As raízes da Aromaterapia podem ser delimitadas num período demarcado há cerca de mais de 3.500 a.C., quando os primeiros aromas tiveram sua presença registrada na história da humanidade. Na realidade, a história da Aromaterapia está inexoravelmente ligada ao desenvolvimento da medicina aromática, que, no seu primórdio, estava aliada à religião, ao misticismo e à magia, conforme Maxwell-Hudson (2000). Quando os galhos de alguns arbustos ou árvores eram lançados ao fogo – de início com o único propósito de acrescentar combustível – a fumaça e os aromas que expeliam tornavam as pessoas sonolentas, alegres, excitadas, dando origem a experiências místicas. Se a mesma sensação atingisse todas as pessoas ao redor da fogueira e o mesmo fenômeno fosse verificado da próxima vez que se queimassem alguns galhos do mesmo arbusto, estes seriam reconhecidos como responsáveis pela produção de tal efeito e, possivelmente, considerados ‘mágicos’.

Já para Kerr (1982), a defumação pode ser vista como a raiz, a pré-história da Aromaterapia e da Perfumaria. Etimologicamente, a palavra ‘perfume’ provém do Latim *per fumum*, que significa ‘através do fumo’. Portanto, a defumação consiste no mais antigo costume de se empregar substâncias aromáticas para se harmonizar distúrbios internos ou externos, quer eles sejam de pessoas ou de ambientes.

Maxwell-Hudson (2000) acrescenta que os óleos aromáticos são usados na fitoterapia chinesa há milhares de anos. A autora data de 200 a.C., a redação de *O grande herbário* por Shen Nong, autor lendário que compilou 365 nomes de plantas medicinais. Entretanto, Tisserand e Jünemann (1999) declararam que aparelhos de destilação têm sido usados desde os anos de 1500-1000 a.C., tanto na Índia quanto na China.

Maxweel-Hudson (2000, p. 10), todavia, registra em sua obra:

[...] Uma destilaria foi encontrada no sopé do Himalaia, indicando que a destilação de óleos essenciais já era praticada em 3000 a.C. na região asiática. Portanto, pode-se concluir que tal prática tem acompanhado o homem desde tempos muito antigos estando, de alguma maneira, ligada ao prazer da inalação de certos aromas e à cura que as fragrâncias proporcionam por estarem diretamente ligadas ao sistema límbico controlador das emoções.

O termo Alecrim

Conforme Ferreira (2004, p. 79), o termo ‘alecrim’ pode ser assim definido:

(Do ar. AL-iklil) S.m. 1. Arbusto da família das Labiadas (*Rosmarinus officinalis*) que exala odor agradável e forte, e por destilação dá abundante quantidade de óleo essencial volátil; alecrim-de-cheiro 2. Ramo, folha ou flor desse arbusto.

Morais Silva (1949-1959) apresenta as variantes para o termo:

- alecrim-bravo; alecrim-da-serra; alecrim-das-paredes; alecrim-de-São-José; alecrim-do-campo; alecrim-do-mato; alecrim-do-Norte.

Câmera Cascudo (1972) apresenta como variantes:

- alecrim-de-cheiro; alecrim-das-hortas; rosmarim-dos-alemães; erva-para-coroas.

Conforme informações disponíveis no site:

<www.plantamed.com.br/plantas/especies/Rosemarinus_officinalis.htm>, podem-se destacar as seguintes variações (ROSMARINUS, 2008):

- alecrim-da-horta; alecrim-de-jardim; alecrim-de-cheiro; alecrim-rosmarino; alecrim-rosmarinho; alecrinzeiro; erva-da-graça; libanotis; rosmaninho e romero.

Há registros de cursos que oferecem oportunidade de se ampliar conhecimentos sobre óleos essenciais e sua terapêutica, que utilizam as seguintes variantes para o termo: *Rosmarinus*, *Romero*, *Rosemary* (denominação inglesa para o termo), *rosmaninho* e *alecrim* propriamente dito. Portanto, observou-se variação denominativa também na oralidade.

No dicionário de Bevilacqua (1712, p. 230), digitalizado pela Universidade de São Paulo/USP, encontrou-se:

[...] arbusto, cujo talo lança muitos ramos compridos, delgados, & cinzentos, guarnecidos de folhinhas estreitas, duras, retas, de hu verde escuro por cima, & brancas por baixo, e intreSachadas (sic), com flores de um azul desmaiado, hi de um cheiro aromático, menos forte e menos ásperto, que o das folhas [...].

Quanto à variação, Bevilacqua (1712, p. 230, grifo nosso) registra dados interessantes, veja-se:

Chamaõlhe os Latinos *Rosmarinus*, como quem dissera *orvalho do mar*, porque ordinariamente se cria em lugares marítimos com os vapores do mar, que cahem a modo de orvalho. Tan bem foi chamado *Rosmarinus coronarius*, porque antigamente era o alecrim usado em ramalhetes, & nas capellas. Diz Laguna, que toda espécie de alecrim se chama *Libanotis*, por cheirar cada huma delas (particularmente na raiz), a incenso, a que os Gregos chamaõ *Libanos* & *Libanotis*. [...] também lhe chama Plínio, *Libanotis, idis*, & não *Libanitis*, (como se acha em alguns Dicionarios). *Rosmaris*, de que usa Ovídio, *Marinusros*, e no plural *rores Marini*, são termos bons para os poetas.

O Segredo e virtudes das plantas medicinais (SELEÇÕES... 1984, p. 55) registra o termo ‘Alecrinzeiro’ como variante popular em Portugal. Consta, também, como indicação de brasiliântimo: alecrim-de-jardim.

Alguns dados sobre a planta

O alecrim, como erva, tem sido utilizado desde tempos antigos.

Para Maxwell-Hudson (2000, p. 35):

Todos aqueles que se dedicavam a curar pessoas, usavam o alecrim. A Rainha Isabel, da Hungria, recuperou sua saúde e rejuvenesceu graças a essa planta. Parceiro, no séc. XVI, usava-a para curar seus doentes. Já Culpeper afirmava que o alecrim ajuda uma memória fraca e agiliza os sentidos, conforme o site: <<http://www.dooyoo.co.uk/plants/rosemary/338584/>>, acesso em 12/6/2008.

Davis (1996, p. 740), pesquisadora e aromaterapeuta norte-americana, justifica assim sua denominação:

Originário da França, Espanha, Marrocos e Tunísia, cresce livremente por toda Europa, aclimatando-se melhor na orla marítima, fato que ficou registrado em seu nome científico: *Ros-* (orvalho); *-marinus* (marinho).

Conforme a autora, conta a lenda que suas flores eram brancas, mas tornaram-se azuis depois que a Virgem Maria pendurou seu manto em um arbusto de Alecrim, quando a Sagrada Família parou para descansar, durante sua fuga para o Egito.

Por meio da destilação com vapor das extremidades com flores, obtém-se o óleo essencial de alecrim, amplamente utilizado na Aromaterapia.

Florido (2000, p. 15) assim descreve o alecrim:

Ligado aos poderes do amor, da alegria e da amizade, o alecrim enche de bons fluidos toda casa. Purifica o espírito e os ambientes. Por isso, é sempre bom manter um potinho da erva na sala, nos quartos, na cozinha. Abuse dele para cuidar da beleza. Afinal, não foi à toa que o alecrim ganhou a fama de planta da juventude eterna [...].

No site inglês: <http://www.dooyoo.co.uk/plants/rosemary/338584/> (ROSEMARY, 2008) encontraram-se as seguintes informações a respeito da erva Alecrim, segundo as pesquisas de Nicholas Culpeper (1616-1654), eminent botânico Inglês.

Culpepper associated Rosemary with the Sun and the sign of Aries. Aries rules the head and this links to the common association of this plant to memory. The oil is used to stimulate the central nervous system and brain cells. In ancient times, the Greeks would wear a wreath of Rosemary to aid their studies and medieval texts suggest that those suffering from ‘hysteria’ should use a comb made of rosemary wood! (ROSEMARY, 2008, tradução nossa)¹.

¹Culpeper associou o alecrim ao Sol e ao signo de Áries. Áries governa a cabeça e isso explica a relação dessa planta com a memória. O óleo é usado para

A variação denominativa do termo Alecrim

Variantes terminológicas linguísticas

As variações encontradas: alecrim-rosmarino e alecrim-rosmarinho podem ser analisadas como se segue:

Variante terminológica fonológica - para as quais, de acordo com Faustich (1998, p. 7), a escrita pode surgir de formas decalcadas da fala. Assim, é o nome científico: *Rosmarinus*, que norteia essa tendência na variação. Veja-se:

- alecrim - *rosmarino*
- alecrim - *rosmarinho*

As duas variantes de *alecrim* são variações populares desse termo e podem ser explicadas no fato de *Rosmarinus* apresentar dificuldades de pronúncia a algumas classes sociais menos cultas, o que abre espaço para a apócope na pós-tônica final: - u (s), seguindo a tendência de modificar-se em: -o:

- *rosmarinus* > *rosmarino*

Já no que tange à variante *rosmarinho*, o sufixo *-inho* encerra a ideia de referência, relação ou origem: - mar → marinho, deixando entrever a possibilidade de origem do termo na fala dos portugueses, os quais têm uma planta muito semelhante ao alecrim, igualmente com flores azuis, mas de terapêutica diversa. Conforme Houaiss (2001, p. 220), a “etimologia popular” é um fenômeno que “une uma palavra à outra por semelhança fonética e alguma associação semântica, sem qualquer base no parentesco genético”. Assim, a “etimologia popular” uniu os dois termos variantes ao nome científico. Observe-se:

- *rosmarinus* → *rosmarinho/rosmarino*

As variantes ‘alecrineiro’ e ‘alecrinzeiro’ foram formadas por influência do termo *alecrim*. Essas variantes sofreram transformações fonológicas passando pelo processo:

- alecrim → alecrinzeiro → alecrin[z]eiro

A preferência por essas duas variantes em detrimento do termo *alecrim* circunscreve-se a Portugal e ao Norte do Brasil, simultaneamente. Além de serem variantes fonológicas, também se caracterizam como geográficas e socioletais, confirmando, assim, “que uma variante pode ser classificada em mais de uma categoria”, conforme explicam Jesus e Barros (2005a, p. 176).

Variante terminológica morfológica – Faustich (1998, p. 8) ensina que é “a que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere”. A variação

estimular o Sistema Nervoso Central e as células do cérebro. Na Antiguidade, os Gregos usavam uma coroa de alecrim para facilitar os estudos; textos medievais sugerem que aqueles que sofrem de hysteria deveriam usar um pente feito com a madeira da planta (REMEMBERING..., 2008).

atua, portanto, nos formantes dos termos:

- rosmar (ino)
- rosmar (inho)

O sufixo *-ino* é, segundo Cunha (1976), formador de adjetivos, e o sentido é de origem, natureza.

As variantes ‘alecrineiro’ e ‘alecrinzeiro’ podem também ser classificadas dentro dessa categoria.

O sufixo *-eiro*, formador dessas variantes, estabelece o sentido de origem, relação. A tendência popular na escolha das variantes, aqui também, pode estar justificada na fala dos portugueses, posto que ‘alecrinzeiro’ é o termo variante para a planta alecrim, em Portugal.

Variante terminológica lexical: ‘em que algum item da estrutura lexical de uma unidade terminológica complexa (UTC) sofre apagamento, mas o conceito do termo não se altera’.

Para as unidades terminológicas, note-se:

- óleo essencial de alecrim → óleo / 0 / de alecrim

O apagamento do adjetivo ‘essencial’ é bastante comum e é extensivo a outros tipos de óleos:

- óleo essencial de rosa → óleo / 0 / de rosa

- óleo essencial de sândalo → óleo / 0 / de sândalo

Variação Terminológica de Registro: Para Faustich (1998, p. 7), são aquelas: “Cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos dos termos”. Podem ser:

Variante terminológica geográfica: ainda conforme a autora (FAUSTICH, 1998, p. 8), “é aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua”.

Alecrinzeiro – ocorre simultaneamente em Portugal e no Nordeste do Brasil, possivelmente, em decorrência das influências sofridas durante a formação dessa região.

Variante terminológica de discurso: a que decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuários de textos científicos e técnicos. Servem de exemplo, como termos da vulgarização científica:

- Alecrim - erva-da-graça, erva-das-coroadas, erva-da-recordação

A variante ‘erva-da-graça’ originou-se no fato já mencionado anteriormente, sobre a lenda da fuga de Nossa Senhora. A transformação da cor branca da planta para o tom de azul poderia ser vista como ‘graça’.

A variante ‘erva-das-coroadas’ justifica-se na busca de rejuvenescimento, por parte das mulheres, desde tempos antigos.

Já a variante ‘erva-da-recordação’ foi mote da observação de Culpeper (1616 – 1654): “ajuda uma

memória fraca e agiliza os sentidos”, conforme cita Maxwell-Hudson (2000, p. 35). Também Hamlet, de Shakespeare (2003, p. 110) dá à Ofélia o seguinte conselho “este alecrim é uma planta boa para recordar”.

Variante terminológica temporal - é aquela que se configura como mais usual no processo de variação e mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida. Serve de ilustração a variação em Bevilacqua (1712, p. 230):

- *Ros maris* (X), de que usa Ovídio, *Marinus ros* (Y) e no plural *rores Marini*.

A forma latina para a denominação científica *Rosmarinus* mostra a preferência no processo de mudança, indicando ainda a inversão da forma *Marinus ros* (Y) para *Rosmarinus*.

Variantes competitivas - ainda conforme Faustich (1998, p. 9),

“São aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer, itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A”.

Assim, a forma latina para o nome científico *Rosmarinus* é usada alternadamente nos discursos científicos, técnicos, escritos e orais (cursos de Aromaterapia). Também a forma *romero*, equivalente para denominação ‘alecrim’, em espanhol, é frequentemente utilizada em discursos técnicos.

A autora (Faustich, 1998, p. 9) acrescenta:

[...] os empréstimos lingüísticos são itens lexicais que se originam de língua estrangeira e, depois, no contexto social da língua recebedora, se tornam variantes porque provocam o surgimento de uma forma vernacular equivalente, por causa do ambiente lingüístico estranho à sua permanência natural.

Dessa forma, podem-se explicar as seguintes variantes populares registradas, a partir da variante competitiva. Veja-se:

- rosmarinho/rosmarino (variantes populares) → *Rosmarinus* (variante competitiva).

Infere-se também que a variante registrada em Ferreira (2004) tenha participado do mesmo processo:

- rosmarinho (variante popular) → *Rosmarinus* (variante competitiva)

Conclusão

No dizer de Jesus e Barros (2005a , p. 187), “a variação lexical não deturpa a língua; ao contrário, alimenta-a”. Assim como as unidades lexicais em língua geral, os termos das áreas de especialidade estão sujeitos à variação, quer no tempo, quer no espaço, quer na sociedade.

Com o advento da socioterminologia, a variação nos estudos terminológicos passa a ser reconhecida

como fenômeno natural. A variação nos domínios de especialidade pode ser descrita, categorizada e analisada cientificamente. As línguas de especialidade não são estáticas, mas vivas e em constante evolução, tal qual a língua geral. Os nomes de plantas, dentro do âmbito da Aromaterapia, demonstram a necessidade de clareza a ser estabelecida na comunicação aromaterapeuta/paciente. É importante que os termos variantes que denominam uma única planta, fonte geradora dos óleos essenciais, constem na nomenclatura de dicionários terminológicos. O alcance de um produto terminológico que insere em sua microestrutura as variantes de uma dada área é mais dinâmico e mais completo. As autoras citadas, Jesus e Barros (2005b, p. 1389), ainda defendem: “Ao apresentar variantes populares como termos-entrada, essas obras estarão acatando as sugestões da socioterminologia e se estendendo a um público alvo mais variado”.

Referências

- BEVILACQUA, C. R. Unidades fraseológicas e terminológicas em dicionários bilíngüe gerais. In: BLUTEAU, R. (Ed.). **Vocabulário português, e latino, áulico, anatómico, architeconico, bellico, botânico, etc.** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.
- CÂMARA CASCUDO, L. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.
- CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1976.
- DAVIS, P. **Aromaterapia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FAUSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995.
- FAUSTICH, E. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 6., 1998, Havana. **Actas...** Paris: Riterm, 1998. p. 7-12.
- FAUSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, p. 22-26, 2006.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2004.
- FLORIDO, J. **O segredo das ervas**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.
- JESUS, A. M. R.; BARROS, L. A. A variação terminológica em português no domínio da dermatologia. **Signótica**, v. 17, n. 17, p. 165-189, 2005a.
- JESUS, A. M. R.; BARROS, L. A. Variação terminológica no domínio da dermatologia: os termos que fazem referência a nomes de animais. **Estudos Linguísticos**, v. 2, n. 34, p. 1384-1389, 2005b.

- KERR, R. W. **Herbalismo**: o uso das ervas através dos tempos. Rio de Janeiro: Renes, 1982.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MAXWELL-HUDSON, C. **Aromaterapia e massagem**. São Paulo: Vitória Régia, 2000.
- MORAIS SILVA, A. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949-1959.
- REMEMBERING Rosemary. Disponível em: <<http://www.dooyoo.co.uk/plants/rosemary/338584/>>. Acesso em: 15 dez. 2008.
- ROSEMARY. Disponível em:<<http://www.dooyoo.co.uk/plants/rosemary/338584/>>. Acesso em: 11 jun. 2008.
- ROSMARINUS *officinalis* L. - Alecrim. Disponível em: <www.plantamed.com.br/plantas/especies/rosemarinus_oficinalis.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.
- SELEÇÕES READER'S DIGEST. **Segredo e virtudes das plantas medicinais**. Lisboa: Lisgráfica, 1984.
- SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. São Paulo: Objetiva, 2003.
- TISSERAND, M.; JÜNEMANN, M. **A magia e o poder da lavanda**: seus segredos e aplicações. São Paulo: Madras, 1999.
- WOORWOOD, S. **Aromaterapia**: um guia de A a Z para o uso terapêutico dos óleos essenciais. São Paulo: Bestseller, 1995.

Received on May 27, 2009.

Accepted on September 29, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.